



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



JACINTA PASSOS, LOUCURA OU MARGINALIZAÇÃO?

Rosângela Santos Oliveira

Psicologia - Universidade Federal da Bahia - UFBA

NECLIF – Núcleo de Estudos da Cultura e da Literatura Feminina

Programa Permanecer

r.oliveirapsi@gmail.com

Subsídios dos campos da Teoria da Literatura e da Psicologia fundamentam o presente trabalho que visa a investigar história de vida de Jacinta Passos, escritora baiana, nascida em Cruz das Almas, poetisa francamente envolvida com a atividade política. De uma família tradicional, recusou os valores e padrões de sua época e de sua posição econômica. Segundo Teixeira (1993), o ser humano na modernidade não está determinado pelos ambientes em que vive, pois, pela individualidade, por si próprio pode construir sua identidade, já que consegue analisar criticamente a realidade. Jacinta defendeu seus ideais fazendo da poesia instrumento de expressão pessoal. Enfrentou preconceitos e sofreu as conseqüências drásticas que perseguiram as mulheres que se afastavam de ambientes já estabelecidos como “femininos”. Aos 37 anos, em plena atividade social e política foi diagnosticada com esquizofrenia paranóide e passa a conviver com o estigma da loucura. Para compreender a sua história faz-se necessário tecer o conceito de gênero. 1. “Gênero” é um construto analítico (SCOTT, 1995) usado para explicar as relações sociais entre as pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais, assim como a variedade de sentidos atribuídos a essas diferenças, que ocorrem nas várias culturas e diversas sociedades. 2. O gênero é então, uma forma primária de dar significado às relações de poder, os termos feminilidade e masculinidade são hoje vistos como condições, atitudes, movimentos, atributos culturalmente construídos que não se circunscrevem à fêmea ou ao macho especificamente, mas sim a uma condição sócio-histórica específica. O texto parte da inquietação quanto ao esquecimento da história de vida dessa mulher, cujo percurso estabeleceu-se dentro do meio literário baiano da década de 40 e que

segundo Amado (2010) foi excluída, perseguida, presa e internada em sanatório. A recente publicação, *Jacinta Passos, coração militante* de Janaína Amado, filha da poetisa, expõe claramente a lucidez de sua mãe antes e depois do seu internamento. Pergunta-se: quais fatores poderiam ter levado a promissora poetisa Jacinta Passos a ser enclausurada como doente mental? O fato é que o internamento e o prognóstico de uma doença incurável pode ter servido para marginalizar a poetisa, pois como afirma Ferreira (2006) “o diagnóstico muitas vezes é apenas a grande oportunidade para legitimar a exclusão social”. Por outro lado, segundo Gastal et al (2006) a inserção feminina no processo produtivo uniu-se a outro importante pólo de identidade feminina, ligado à maternidade, à família e ao cuidado da casa, resultando em aumento da carga social a elas imposta. [...] a dupla jornada motiva contradições e conflitos, estando estes provavelmente envolvidos na psicogênese e no desencadeamento dos transtornos psiquiátricos. Como Jacinta era jornalista, mãe, esposa e militante filiada a um partido de esquerda, esses fatores poderiam tê-la pressionado a desenvolver um quadro psicogênico.

Palavras- chave: Gênero, Biografia, Psicologia, Poesia.

Jacintha Velloso Passos filha de Berila Eloy e Manuel Caetano da Rocha Passos, nasceu em 30 de Novembro de 1914, no município de Cruz das Almas, Bahia. A família Passos era muito católica e tinha longa tradição familiar na política. Tanto o avô quanto o pai de Jacinta tornaram-se políticos importantes da região de Cruz das Almas, mas, apesar de gozarem de uma posição prestigiosa, não se encontravam no segmento abastado da cidade. Em 1924 a família mudou-se para São Felix, a fim de alargar os horizontes políticos de Manuel Caetano Passos que pretendia candidatar-se a deputado estadual. Já a mudança para a cidade de Salvador em 1926 atendia além dessa necessidade de alavancar a carreira política do pai também contribuir para a educação profissional dos filhos.

A família Passos, apesar de tradicional e possuir prestígio, não tinha riqueza. Nesse sentido, a permanência da família na política custou ostentar um padrão de vida que impossibilitava qualquer acúmulo de bens. Assim, a família passava, não raro, por oscilações financeiras. Jacinta percebia que sua família vivia um contraste entre o que eles eram realmente e o que aparentavam ser, apresentando comportamentos que nem sempre condiziam com os limites financeiros da família. Essa dualidade, de difícil compreensão para ela foi representada no poema publicado no seu segundo livro *Canção da Partida* “Serei rica ou serei pobre?”

Serei rica ou serei pobre?
Tomásia de Queiroz,
minha criada!
me diga o que somos nós.
O meu pai é deputado
democrata liberal
– viva a eleição!
terça-feira vou ao baile
no Palácio Aclamação.
— Andar na rua sem chapéu
ficará bem para nós?
— Não fica!
Minha irmã vai se casar
com um doutor.
Sou rica!
— Vamos vender Campo Limpo
para pagar nossa casa
na Ladeira do Hospital.
As meninas logo vão
entrar na Escola Normal,
é mais seguro,
professora é meio de vida,
ninguém sabe do futuro.
Minha mãe, minha mãezinha,
todo dia na cozinha,
faz doce para vender:
— Augusto Braço Cotó,
vá entregar no Triunfo
e cobre!
Não diga nada a ninguém,
meu bem.
Sou pobre!

Além dessa preocupação com o ser e parecer da família também preocupa Jacinta a religião na qual crescera o que provoca muitos questionamentos, traduzidos no poema da década de 30 “O mar”: Aí trata da relação que estabelecia com o divino:

Por que esta sede imensa de saber,
desvendar os segredos escondidos,
despir as coisas
de suas transitórias aparências,
penetrar no seu âmago,
ver a essência do ser?
Pobre desejo humano esbarra, mudo,
ante o mistério de tudo. [...] (PASSOS, apud AMADO, 2010)

No trecho deste poema, Jacinta dá indícios de que sua religiosidade não é praticada sem reflexões e parece ser o lugar onde procura respostas para seus conflitos internos. Por isso,

tamanha dedicação aos trabalhos na igreja onde participava de maneira ativa. Entretanto, com o passar do tempo, percebe que aí não encontrará as respostas que tanto deseja.

Aos 18 anos começa a participar do Movimento Social Católico e foi a proximidade dela com o irmão Manoel Caetano Filho que possibilitou a Jacinta frequentar reuniões e manifestações, os círculos literários baianos como a Ala das Letras e das Artes (ALA), ele também foi o responsável por sua filiação, anos mais tarde, no PCB, como afirma Amado (2010, p. 355):

No irmão, de temperamento ao mesmo tempo entusiasmado e doce – bem mais doce do que o dela –, Jacinta encontrou fraternidade, amizade, apoio e diálogo; ele a ajudou a ultrapassar os limites estreitos que a sociedade e as famílias impunham às moças do seu segmento social.

Jacinta vivia em uma sociedade, onde o gênero era o definidor das funções, papéis, expectativas, espaços. A mulher estava à parte dos meios políticos, pois estes eram referentes aos homens, enquanto às mulheres cabia educar os filhos e catequizá-los.

Hoje “gênero” é um assunto deveras debatido nos circuitos científicos. O termo começa a ser utilizado na metade do século XX com a fomentação do movimento feminista. É em muitos contextos usado como sinônimo de mulher. É necessário fazer uma distinção conceitual entre os termos gênero e sexo, porque ao longo da história estes foram designados como semelhantes ou até mesmo como sinônimos. Sexo é referente às características de cunho biológico; logo, faz alusão à espécie, já gênero vai além dos muros biologizantes, são mais amplos e abarcam as construções sociais referindo-se aos papéis de ser “homem” e ser “mulher”. (SCOTT, 1995).

Segundo a referida autora “Gênero” é um construto analítico usado para explicar as relações sociais entre as pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais, assim como a variedade de sentidos atribuídos a essas diferenças, que ocorrem nas várias culturas e diversas sociedades. Tal construto dissocia da biologia as distinções e desigualdades sociais entre homens e mulheres, as várias orientações afetivo-sexuais e características psicológicas tidas como inerentes ao sexo masculino e feminino, atribuindo tais diferenciações a construções histórico-culturais.

Apesar desse impasse, Jacinta Passos não deixa de externar as suas opiniões, ainda que contra a maioria e no momento estar vivendo sob instabilidade política devido às reformulações que foram ocorrendo a partir de 1930 com a Era Vargas. A ditadura militar de 1964 que se instaurou com o Estado Novo estabeleceu um clima de terror. Porém o PCB – Partido Comunista Brasileiro, tendo como ideologia a política a favor dos oprimidos, dos operários e

contra a organização social e econômica que se configurava no Brasil, manteve-se em uma posição adversa ao Estado Novo, indo de encontro à política de Getúlio Vargas. A eclosão da Segunda Guerra fez com que Jacinta se envolvesse, ainda mais, na política. Através da publicação de artigos e poemas no jornal “O imparcial”, lutava pela igualdade social, denunciando a opressão da mulher e defendendo mudanças. Machado (2000, p. 18) afirma: “Jacinta utilizou a palavra como arma”.

É importante ressaltar que a burguesia baiana se mantinha à parte das discussões políticas, e a mulher sequer participava desse meio. Nesse contexto Jacinta se torna uma das poucas mulheres baianas a defender uma posição política publicamente. No início da década de 40 já se encontrava afastada de posições mais radicais da Igreja Católica, ainda assim, seus novos valores não entravam em conflito com os valores em que fora criada.

A partir de 1942, a poesia de Jacinta ganha temáticas sociais, tendência que já vinha se mostrando desde as primeiras publicações em “O imparcial”, poema que retrata o sentimento de Jacinta perante a Segunda Guerra. (PASSOS, 1942 apud AMADO, 2010)

[...] Clarões que se abrem,
gritos alucinados,
balas que silvam,
explosão de bombas,
corpos que tombam.
É a trágica destruição do homem
pela máquina poderosa que a sua inteligência criou.
Caminho pelas cidades transformadas em trincheiras.
Choro com as mulheres a saudade dos lares vazios,
a perda dos filhos – o próprio ser mutilado.[...]

A Guerra

Por ter abraçado o comunismo, Jacinta amplia sua visão de mundo para a condição humana e da mulher. E com isso, torna-se uma figura incômoda, porque sai da posição passiva para uma intensa defesa de seus ideais.

Os ideais em que Jacinta passara a acreditar eram fortemente criticados pela Igreja Católica, o comunismo, a autonomia, independência intelectual e social. A mudança social que a poetisa nota como necessidade se esbarra no engessamento dos valores tradicionais da religião. Talvez, agora, Jacinta tenha certeza que não será através da religiosidade que sanará todos os seus questionamentos.

É no ano de 1943 que Jacinta aproxima-se ainda mais da esquerda, criando laços de amizade com conhecidos intelectuais comunistas da época como Jorge Amado. Participa da vida cultural e de atividades políticas da cidade e ajuda a organizar comícios, passeatas,

manifestações comunistas, o que contribuiu para o seu afastamento definitivo da Igreja Católica.

O ano de 1945 foi marcado pela volta à democracia com a crise de Getúlio Vargas. Jacinta viveu integralmente o fim da Segunda Guerra estudando e organizando-se contra o fascismo. Escrevia sobre a guerra e trabalhou como voluntária na LBA - Legião Brasileira de Assistência, onde desenvolvia trabalho de mobilização da sociedade, de arrecadação de fundos, voluntariado em hospitais e apoio às famílias baianas que haviam mandados membros para a guerra. O Partido Comunista havia sido legalizado.

Ainda neste ano ocorre o 1º Congresso Brasileiro de Escritores, com o intuito de buscar a liberdade de expressão. Ela publica seu segundo livro *Canção da Partida*, o que lhe conferiu maior prestígio no cenário da literatura.

Ela e James decidiram mudar para Porto Alegre, onde ambos se filiam oficialmente ao Partido Comunista. Jacinta engravidou, porém aos 8 meses de gravidez, sofreu um aborto abalando profundamente a jornalista, que precisou recuperar-se em outra cidade, longe de toda essa movimentação.

Em 1951, muda-se para o Rio de Janeiro e continua com forte militância no PCB, principalmente na tentativa de aglutinar mulheres. É no início deste ano que Jacinta publica seu terceiro livro *Poemas Políticos*, obra que reflete sua posição ideológica de esquerda, politizada, nota-se mudança de temática desta publicação para a primeira, demonstrando também que Jacinta já não era a mesma. Por conta deste livro e a militância no partido, foi presa no mesmo ano.

Quando Jacinta despontou por volta dos anos quarenta, a sociedade e mais precisamente a sociedade baiana tinha um comportamento conservador quando se tratava da mulher que fazia literatura. O fazer literário de Jacinta Passos, que transgrediu os limites que eram impostos pela sociedade, não foi reconhecido pela própria família que passou a criticar seus novos comportamentos e idéias.

“À medida que Jacinta se envolvia com os movimentos de esquerda e com os comunistas, mudando de comportamento e ideais, as reações da sua família foram se transformando.” (AMADO, 2010, pág. 365)”

Ao casar-se com James Amado somente no civil e sem sequer avisar a família, Jacinta consolida sua independência perante a família. Residindo em São Paulo com o marido, aprofunda suas relações com comunistas, pois participa ativamente da política e da vida cultural da cidade. Posicionava-se contra a ditadura do Estado Novo e queria a volta da democracia.

Por decisão ou ordem do PCB, Jacinta e James voltaram a Salvador, onde ela se candidata a Deputada Federal – única mulher, o que demonstra a ousadia de Jacinta como também o privilégio que desfrutava junto ao PCB. Apesar de todo seu esforço, não é eleita. Nota-se que nesse período Jacinta permaneceu na casa da família, sendo que seu pai era aliado da UDN, partido este, contra o PCB. É interessante perceber as diferenças ideológicas nesta família, apesar de não ser possível afirmar se a relação de Jacinta com o pai Manuel Caetano chegava a ser conflitante. Ainda assim, no decorrer da sua vida, sempre que necessitava, voltava à casa dos pais. Estes certamente preocupavam-se com a reputação da filha e, principalmente da família, já que tinham visibilidade social.

O Partido Comunista volta a ilegalidade em 1947, gerando perseguição aos seus filiados. Neste mesmo ano, Jacinta dá a luz a sua primeira e única filha, Janaína, motivo de muita alegria, levando em consideração o desejo materno que a jornalista e poetisa já nutria.

Anos mais tarde se separa de James e ao mesmo tempo da filha, fazendo com que ao receber alta regressasse a Salvador, volta a morar com os pais. Os motivos da separação não são claros, embora não seja difícil imaginar como a convivência com uma mulher diagnosticada com esquizofrenia pode modificar a vida de um casal. Essa estigmatização como louca poderia ter influenciado na relação?

No final do ano 1951, após regressar do IV Congresso Brasileiro de Escritores em Porto Alegre sofreu graves crises nervosas acompanhadas com delírios persecutórios, ficou vários meses internada em sanatórios do Rio, onde foi diagnosticada como portadora de esquizofrenia paranóide, doença considerada, na época, irrecuperável e progressiva. Durante essa internação e nas seguintes, foi tratada à base de choques elétricos, injeções de insulina e barbitúricos. Segundo relato de James Amado (apud Machado, 2010, p. 26) “Foi uma tortura, para ela e para mim. Assisti Jacinta tomar trinta e sete choques elétricos [...]”.

Hoje a esquizofrenia é caracterizada como um distúrbio psicótico, onde o sujeito descola seu discurso da realidade, ou seja, apresenta sintomas como alucinações e delírios, fala desorganizada, comportamentos inadequados ou catatônicos, embotamento afetivo. Esses sintomas podem aparecer na adolescência ou no início da idade adulta nos homens entre 17 e 27 anos e nas mulheres entre 17 e 37 anos. (Louzã Neto, 1995 apud OLIVEIRA, 2009).

Dentro dessa categoria nosológica, há cinco subtipos e a esquizofrenia paranóide é um deles. Segundo DSM-IV-TR (2002) – esse subtipo apresenta-se tipicamente por delírios de perseguição ou de grandeza que giram em torno de um tema coerente, mantendo inalterado o funcionamento cognitivo e o afeto. Assim, discurso desorganizado, afeto embotado ou inadequado, comportamento catatônico ou desorganizado não são proeminentes.

Para realizar o diagnóstico é necessário um conjunto de sintomas. Observar o histórico da doença, o passado do paciente, eventos de vida significativos (LOUZÃ NETO, 1995 apud OLIVEIRA, 2009), pois ainda há divergências em relação ao fator que pode acarretar essa psicopatologia, entendendo-se que um conjunto de fatores associados pode ou não desenvolver o quadro psicogênico. Quanto ao prognóstico, Affonso e Reinhardt (2011) afirmam que este tipo de esquizofrenia permite funcionamento ocupacional e à capacidade para uma vida mais independente. Dessa forma, o tratamento baseado no acompanhamento psicológico tanto individual quanto familiar, e no manejo medicamentoso, pode oferecer uma vida de qualidade a este paciente.

As crises de Jacinta foram configuradas principalmente pelo delírio de que estava sendo perseguida e assim ficava agressiva e nervosa. Não houve registro de familiares com histórico de distúrbios mentais. Segundo Gastal et al (2006) a inserção feminina no processo produtivo uniu-se a outro importante pólo de identidade feminina, ligado à maternidade, à família e ao cuidado da casa, resultando em aumento da carga social às mulheres. Jacinta passara por muitas pressões, vivia ativamente, escrevia, era militante, mãe e mulher, poderia estar sobrecarregada.

É compreensível que uma pessoa tenha ideação de que estava sendo perseguida em um contexto de Guerra, fervilhamento político, onde é filiada a um partido de esquerda clandestino. O que fica evidente é que seu tratamento foi indevido, por se considerar a sua doença como irreversível e progressiva.

Na época em que Jacinta foi diagnosticada, a representação da loucura estava muito ligada ao excesso, ao pecado, onde a principal consequência era a exclusão social do sujeito, já que a assistência dada aos mesmos era realizada somente através de internamento.

Este funciona como espaços de depósito, onde as pessoas que “estão rompendo a ordem social” possam ser enclausuradas até que retornem a normalidade ou permaneçam marginalizados. Sendo assim, o usuário é colocado em uma posição imóvel, não participante. A principal representação que se construiu do louco é a incapacidade de “realizar coisas, de produzir, de garantir seus desejos e vontades autonomamente” (GOMES, 2006).

Após período relativo de equilíbrio, Jacinta sai do sanatório, mas volta a ser internada no sanatório Charcot. Aí escreve o poema *A coluna*, poema épico que narra a marcha liderada por Carlos Preste em 1920, e contaria, segundo Machado (2000, p. 26) “a história dos vencidos”. Mais tarde tornaria seu quarto livro juntamente com outros poemas.

Como se vê um diagnóstico tão grave só poderia mudar drasticamente a vida de uma pessoa. Além disso, o prestígio enquanto jornalista e poetisa diminuiu quando se separou de James,

mas principalmente, em razão do diagnóstico psiquiátrico que ainda hoje rotula o sujeito e o incapacita. Nas palavras de Ferreira (2006): “o diagnóstico muitas vezes é apenas a grande oportunidade para legitimar a exclusão social”.

Jacinta continuou militando pelo PCB, publicou artigos sobre literatura, no jornal comunista “O Momento”, como voluntária, não tendo sequer um espaço regular. Recebia a visita da filha Janaína, com quem não convivia acerca de quatro anos.

Cabe ressaltar que em 1956, o PCB passava por uma crise política, pois se comprova que Stalin havia cometido diversos crimes. Ao tomar conhecimento disso, certamente Jacinta sentiu-se frustrada, como ocorre com outros integrantes do partido.

No ano seguinte, é detida no Rio por vender seu livro considerado subversivo, mas é solta no mesmo dia, por intermédio do ex-marido que justifica a sua soltura por ela ser doente mental.

Ao retornar a Salvador, sofre novamente crises persecutórias, provavelmente causadas separação definitiva da filha. Na volta a Salvador Jacinta pretende entrar com pedido de guarda da filha, mas para evitar isso, James pensa, mais uma vez, em justificar a incapacidade de sua ex-mulher repetindo o que dizia o diagnóstico médico. Para não expô-la, pede a Carlos Marighella, dirigente do PCB, para dizer a Jacinta que Janaína havia ido estudar na União Soviética. Para tal, os familiares concordam com a decisão de James e não contam a Jacinta que sua filha estava, na verdade, no Rio com o pai (AMADO, 2010).

Desde então, a poetisa não vê mais a filha, não é possível afirmar o que isso representou na vida de Jacinta. Se por um lado era um privilégio para qualquer comunista ter seu filho estudando na União Soviética, por outro, Jacinta “perde” o que ainda estrutura sua vida. Para realizar o desejo de ter uma filha, Jacinta sofreu abortos espontâneos, foi necessário ficar internada 7 meses e seguia todas as indicações do médico.

Já tendo se separado do marido vivia agora com a família embora não convivessem bem já que não compartilhavam dos mesmos ideais. É possível que permanecer na companhia da filha e educá-la tenha se tornado o sentido organizador da sua vida, e isso lhe foi tirado. Seu comportamento passou a ser ainda mais ríspido, pregava a ideologia comunista em público e falava o que pensava. Certa vez disse em tom irônico a um parente: – E então, Luiz Passos, continua explorando os trabalhadores de Cruz das Almas? (apud Amado, 2010, p. 412). Todas essas situações eram atribuídas pela família, ao fato de ela “sofrer das faculdades mentais” (apud Amado, 2010, p. 413) como informava seu pai aos que interrogavam a seu respeito.

No final da vida vivia sozinha e em extrema pobreza. Em 62 transferiu-se para Aracaju em Sergipe, onde as pessoas achavam-na esquisita, já que não se relacionava com ninguém, contudo continuava a escrever, durante a noite datilografava poemas e textos políticos e de dia

distribuía-os. Desenvolveu intensa militância para o partido junto aos pescadores e estudantes e mesmo após o golpe militar de 64 continuou a militar.

Com seus discursos inflamados de energia e convicção e seus poemas, novamente Jacinta começa a incomodar a pequena cidade. O Prefeito solicitou que o 28º BC de Aracaju tomasse providências.

Foi detida duas vezes em 65, quando pichava o muro, e submetida a interrogatórios, depois recolhida ao 28º BC de Aracaju. A partir dos interrogatórios, o tenente cogitou a possibilidade de ela ter algum distúrbio, pois Jacinta respondia as perguntas de uma posição partidária fixa, era agressiva e perdia o controle quando provocada. Entretanto, pode-se considerar que as autoridades locais, incomodadas com as atividades de Jacinta, perseguiam-na, a fim de contê-la e já contavam como ela se portaria.

O fato é que foi recolhida ao sanatório público Aduino Botelho, e a família conseguiu transferência para um sanatório particular da mesma cidade, alegando (mais uma vez) que Jacinta Passos era doente mental. Aí Jacinta permanece até morrer.

A poetisa e jornalista Jacinta Passos sempre afirmava que era uma presa política e por isso não aceitava nenhum tipo de regalia. Talvez essa tenha sido a forma que ela encontrou para diminuir a incoerência frente à perda da liberdade, algo que sempre buscou. Mas também, por acreditar que foram suas ideias e posicionamento crítico que a enclausuraram.

Basaglia (1975, apud MACHADO, 2000) faz uma comparação entre prisão e manicômio, já que viveu a experiência dos dois, afirma que essas duas instituições têm como finalidade a contenção e não a recuperação, pois há uma exigência social para aqueles que se afastaram da normatividade, o fim último, na verdade, seria a marginalização.

Jacinta ficou internada por 7 anos e durante esse tempo escreveu regularmente, compondo à mão poemas, peças para teatro (adulto e infantil) e radioteatro, aforismos, textos sobre teoria da arte, poesias e reflexões políticas. Segundo Amado (2010, p. 427) “Jacinta preencheu cerca de 3.348 páginas de caderno manuscritas no período, quase 560 páginas por ano, quase 16 páginas por dia”. Mesmo dentro do sanatório ela produziu intensamente e com uma perspicácia formidável, uma escrita lúcida, o que pode nos fazer pensar que ela não portava nenhum tipo de distúrbio sério.

Esses são textos escritos na época do internamento:

Que nome dar a esta prisão?
Reformatório familiar? Zadruga de proprietários?
Base trabalhista? Quantos nomes para
uma coisa só: prisão.

(PASSOS, caderno 3, escrito em 1967 apud AMADO, 2010, p 17)

Estudos de lógica:

O sanatório é Bahia ou Bahia é um sanatório?

A mulher está presa porque é comunista ou é comunista porque está presa?

O homem tem família porque tem propriedade privada ou tem propriedade privada porque tem família?

Este homem faz continência porque trabalha ou trabalha para fazer continência?

Os trabalhadores da arte trabalham para fazer figuração ou fazem figuração porque trabalham?

Eu faço arte porque sou artista ou sou artista porque faço arte?

(PASSOS, caderno 14, escrito em setembro ou outubro de 1967 apud AMADO, 2010, p. 19)

Jacinta sempre defendeu seus ideais publicamente, desde criança era calada e introspectiva. Após o seu diagnóstico, seus comportamentos que eram tidos como inadequados passaram a ser plausíveis por conta de que ela possuía um transtorno mental. Assim, o *ser louca* passou a ser justificativa para a rejeição a Jacinta Passos.

É muito difícil fazer uma releitura do seu quadro clínico, já que não é possível o acesso ao seu prontuário. Entretanto o subtipo de esquizofrenia a que foi diagnosticada, não impede uma vida independente com ocupações rotineiras. Pode-se afirmar que Jacinta poderia ter vivido em sociedade e com qualidade de vida. O tratamento ao qual Jacinta foi submetida não possibilitaria a estabilização da psicose, mas, pelo contrário, um agravamento.

Tendo permanecido partido continua a defender a ideologia comunista. A incredulidade perante fatos que deslegitimam todo o seu empenho, como a crise do PCB, por exemplo, somam-se à sua frustração.

O esquecimento da história de Jacinta Passos por tantos anos comprova o descaso com a trajetória da mulher engajada politicamente. Pode ter sido mais cômodo “esquecer” Jacinta, aquela tachada pelo estigma da loucura. Ser partidária do Comunismo e do feminismo sem dúvida contribuiu para esse processo de apagamento inclusive dos meios literários.

É nesse sentido que trabalhos pioneiros como o da Professora Doutora Dalila Machado quebram esse silêncio. Somou-se à sua investigação a rica e louvável publicação de Janaína Amado, filha de Jacinta Passos.

Jacinta morre aos 28 de fevereiro de 1973, aos 57 anos de idade, vítima de derrame cerebral.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína (Org). **Jacinta Passos, coração militante**: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica. Edufba- Corrupio, Salvador, 2010.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, jun. 1967. Cláudia Dornelles. 4 ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DSM-IV-TR – **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Trad.

FERREIRA, G. **A reforma psiquiátrica no Brasil**: Uma análise sócio política. Psicanálise e Barroco – Revista de Psicanálise. v. 4, n. 1, p. 77-85, jun. 2006.

GASTAL, F. L., et al. **Doença mental, mulheres e transformação social**: um perfil evolutivo institucional de 1931 a 2000. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. p. 245-254, set/dez. 2006.

GOMES, T. M. da S. **De cidadão e louco**: o debate sobre a cidadania do louco a partir de caso do Centro de Atenção Psicossocial. Niterói: UFF, 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados da Escola de Serviço Social, Área de Concentração: Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

MACHADO, Dalila. **A história esquecida de Jacinta Passos**. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, 2000.

OLIVEIRA, S. B. M. de. **Esquizofrenia/Doença mental. 2009**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/esquizofrenia-doenca-mental-fonte-scielo-brasil/17624/>. Acessado em: Janeiro de 2012.

REINHARDT, V. H., AFFONSO, L. C. V. Esquizofrenia **Paranóide: diagnóstico e tratamento**. XIII Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos, 2011. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisa/2011/artigos/psicologia/salao/787.pdf>. Acessado em: Janeiro de 2012.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Revista educação e realidade. Porto Alegre: V.2, n. 20, jul/dez, 1995.

TEIXEIRA, C. L. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva**. Psic. USP, v. 14. n. 1, São Paulo, 2003.